



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ÂNGELA VIEIRA DE BRITO

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO E
REELABORAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

ÂNGELA VIEIRA DE BRITO

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO E REELABORAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico – apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do título de Graduada.

Orientador (a): Prof^a MS. Glória Maria Leitão de Souza Melo

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

B862b Brito, Ângela Vieira de.
O brincar na educação infantil [manuscrito]:
subsídios para reflexão e reelaboração de práticas
pedagógicas / Ângela Vieira de Brito, 2012.
21 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Glória Maria Leitão de Souza
Melo, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Atividade Lúdica 3. Brincadeira 4.
Prática Docente I. Título.

21. ed. CDD 372

ÂNGELA VIEIRA DE BRITO

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO E
REELABORAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

BANCA EXAMINADORA

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Profª. Ms. Glória Maria Leitão de Souza Melo (UEPB)
(Orientadora)

Marinalva da Silva Mota

Profª. Ms. Marinalva da Silva Mota (UEPB)
(Examinadora)

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Profª. Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
(Examinadora)

Aprovada em: 30 de 11 de 2012

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO E REELABORAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ângela Vieira de Brito

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de discutir acerca do brincar no desenvolvimento das crianças. Apesar de inúmeras pesquisas sobre o referido tema, ainda há por parte de alguns profissionais da área, a resistência em não considerar, efetivamente, a brincadeira como necessária ao desenvolvimento da criança. Neste sentido, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo pesquisa-ação, através de nossa própria atuação, na condição de professora estagiária, numa instituição pública de Educação Infantil, pertencente ao Estado da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande. Durante o estágio, percebemos a importância de se buscar entender a realidade de uma instituição de Educação Infantil, e do que é desenvolvido para atender as necessidades do público em questão. Para realizarmos a pesquisa tivemos como embasamento autores como: Brougère (2010), Maluf (2007), Oliveira (2006), bem como orientações contidas nos documentos oficiais, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), da Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação (2006), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), dentre outros. Diante das observações realizadas, como também na atuação direta em sala de aula, pudemos verificar que o brincar ainda era tratado com descaso e despreparo pelos educadores daquela instituição, negando experiências enriquecedoras às crianças que frequentavam a instituição campo de pesquisa/estágio. Considerando estas informações, vimos a necessidade de se discutir, de maneira permanente e ativa, em creches e em pré-escolas, o brincar e as práticas que favorecem essa importante e necessária ação para o desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar. Educação Infantil. Prática docente.

ABSTRACT

The following article aims to discuss about the play in the development of children. Despite numerous studies on the said topic, resistance in not considering, in fact, play as important to the children's development. In This sense, we performed a research of the qualitative way, action research, through our own work, on the condition of a trainee teacher, at a public childhood education institute, which belongs to the State of Paraíba, located at the city of Campina Grande. During the trainee we realized how important is to understand the reality of a Childhood

Education institute, and which is designed to meet the needs of the public concerned. To accomplish the research we had as a base authors like: Brougère (2010), Maluf (2007), Oliveira (2006), as well as guidance contained in official documents, such as National Curriculum Reference for Childhood Education (1998), National Policy Childhood Education: the right of children from zero to six years old to education (2006), National Curriculum Guidelines for Childhood Education (2010), among others. In view of the observations, also as the direct actuation in the classroom, we saw that the play was still treated with indifference and lack of preparation by teachers of that institution, denying enriching experiences to children who frequented the institution field research/internship. Considering this information, we saw the need to discuss, of permanent and active way in kindergarten and childhood education schools, play and practices that promote this important and necessary action for child development.

KEYWORDS: Play. Early Childhood Education. Teaching Practice.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de discutir a importância do brincar no desenvolvimento das crianças. Apesar de inúmeras pesquisas sobre o referido tema, ainda há por parte de alguns profissionais da área, a resistência em não considerar, efetivamente, a brincadeira como necessária ao desenvolvimento delas.

Inicialmente, este trabalho partiu de observações feitas durante a prática de estágio em instituições públicas de Educação Infantil, tendo como finalidade observar a prática docente destas. Durante todo o período em que estivemos observando e atuando percebemos como a questão do brincar ainda é desconsiderada por muitos educadores que veem essa atividade, como uma maneira de "descanso" para eles, tendo em vista, que não acham necessário acompanhar ou avaliar este processo do desenvolvimento da criança.

Na tentativa de desconstruir essa ideia e, ao mesmo tempo, compreender o que leva ainda os nossos educadores a pensarem dessa forma, questionamos: Como o brincar contribui no desenvolvimento da criança?

A busca pela melhoria de nossa própria práxis e o desejo de investigar e aprofundar nossos conhecimentos acerca dos espaços e contribuições que as instituições de Educação Infantil devem oferecer as crianças para seu pleno

desenvolvimento, considerando o brincar como parte imprescindível para isto, justifica-se a escolha deste tema.

A temática apresentada utiliza-se da pesquisa de natureza qualitativa, do tipo pesquisa-ação, como tentativa de oferecer os elementos necessários para melhor discussão e reflexão das instituições e seus docentes acerca da temática em questão.

Segundo Oliveira (2005, p. 68), uma pesquisa de caráter qualitativa define-se por um “estudo detalhado de um fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade”. Uma abordagem metodológica de natureza qualitativa caracteriza-se, ainda, segundo Minayo (2006, p. 57), pela “empíria e pela sistematização progressiva de conhecimentos até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo de estudo”.

Em meio às contribuições bibliográficas, levaremos em consideração observações realizadas durante nosso período de estágio docente, desenvolvidas no percurso do componente curricular Estágio IV da formação em Pedagogia.

Tivemos como campo estágio/investigação uma turma da Pré-Escola com crianças de 04 anos de idade (denominada Pré I), no turno da manhã, em uma instituição pública de Educação Infantil, localizada na Campina Grande - PB, nos meses de agosto a outubro de 2010, durante dois dias da semana.

No decorrer deste período, tivemos como objeto de nossa investigação, o resgate das brincadeiras populares, sendo este desenvolvido em parceria com outra estagiária.

Para o referido estágio fez-se necessário a elaboração e vivência de um Projeto de Atuação e Investigação Docente. Este originou-se da problematização observada na instituição escolhida para a nossa prática.

Portanto, o que era antes a preocupação em resgatar brincadeiras populares, o que se limitava a uma só área específica do brincar, transformamos em um estudo sobre o que realmente os professores de educação infantil precisam saber a respeito da importância do brincar no desenvolvimento da criança e, principalmente, quais são as suas ações para que esta seja uma questão

reconhecida e melhor trabalhada na prática docente. Para tanto, definimos os seguintes objetivos: (1) Possibilitar a discussão do brincar de maneira abrangente e ativa na instituição estudada; (2) Contribuir para que a escola perceba o brincar como atividade imprescindível para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo da criança; (3) Analisar a participação do educador na ação do brincar.

Apesar de este ser um dos temas mais abordados em muitas pesquisas, teses e dissertações, como também em revistas de grande circulação no âmbito educacional, vemos a necessidade de auxiliar o educador, especialmente da educação infantil, a construir o hábito de repensar e desenvolver melhores alternativas para aplicar o lúdico em todo o processo escolar da criança.

2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE O BRINCAR

Quando falamos de infância dificilmente deixamos de associá-la ao brincar, a brincadeira. A criança naturalmente traz consigo o lúdico, a capacidade de criar e de reconstruir o meio em que vive.

Assim afirma Oliveira (<http://www.psicopedagogia.com>):

A criança ao brincar, desenvolve sua capacidade de refletir sobre os fatos reais de formas cada vez mais abstratas, bem como constrói sua realidade, tanto pessoal quanto social. Brincando, a criança conscientiza-se de si mesma como ser agente e criativo.

Assim, é por meio da brincadeira que a criança expressa seus sentimentos, desejos e porque não dizer suas heranças culturais, através destas, o brincar ganha novas possibilidades. Ela se sente livre para conhecer e fazer o que tem vontade. Em resumo, (PIAGET *apud* KISHIMOTO, 2005, p.32) diz que “a criança já ao manifestar este caráter lúdico, demonstra sua capacidade de construir seus próprios conhecimentos”.

Há diversas formas de brincadeira que contribuem na construção de conhecimentos das crianças. Os jogos de faz-de-conta, ou jogos de papéis, é um deles, pois é através dessa modalidade de brincadeira, que “a criança pode imaginar, imitar, criar e jogar simbolicamente e assim, pouco a pouco, vai

reconstituindo em esquemas verbais ou simbólicos tudo aquilo que desenvolveu em seu primeiro ou segundo ano de vida” (MACEDO, 2004).

Além do faz-de-conta, há ainda os jogos de construção que se constituem naqueles que utilizam outros instrumentos com a intenção de criar outros, como quando uma criança, monta uma torre de blocos castelos de areia.

Piaget contribuiu bastante com a Pedagogia, pois conceituou a evolução da brincadeira e os tipos de jogos que fazem parte do desenvolvimento cognitivo infantil. Partindo dos estudos realizados por Piaget *apud* Fuentes (2005) e Maluf (2007), vamos resumir brevemente o que caracteriza cada tipo de jogo, para que entendamos como se inicia cada jogo nas diferentes faixas etárias e como se caracteriza cada um.

Jogos de exercício: este tipo de jogo inicia-se nos dois primeiros anos de vida, se caracterizando no estágio sensório-motor. É neste jogo que a criança com seu próprio corpo busca a satisfação, o prazer. Ao mexer com os braços, pernas, espontaneamente, quando leva a mão à boca a criança vai sentindo como aquela ação lhe traz alegria. Ao olhar para um adulto, principalmente com a mãe com quem mantêm maior contato, ela observa também as partes do seu corpo, tocando-lhe seu rosto, segurando seus cabelos e outras partes como boca, nariz e olhos. Por volta dos nove meses já demonstra interesse em arremessar objetos, procurar, bater repetidamente, manusear de várias formas e quando descobre o efeito que determinado objeto faz, sorri. Em suma, este jogo consiste meramente nas ações de repetição, dos movimentos, com alguma parte do corpo ou com um objeto, levando conseqüentemente a criança a um bem estar. Exemplo disso é quando, segundo Maluf (2007, p.83), o bebê não mama apenas como forma de sobrevivência, “mas porque descobre prazer ao mamar”.

Jogos simbólicos: é a partir dos dois anos onde se encontra o estágio pré-operatório que este jogo se inicia. A criança a partir daí já atribui a um objeto um determinado significado, quando, por exemplo, um pedaço de madeira passa a ser um cavalo, ou quando a criança juntamente com outras representa algo do seu meio, através da sócio dramatização, como ao imitar uma professora na sala de aula, proporcionando a interação entre as crianças, este jogo em que se imita alguém, ou seja, reproduz uma realidade na qual a criança tem conhecimento, também é chamado de jogo de papéis. Até os sete anos, a criança se interessa por

este tipo de jogo; gradativamente a criança vai modificando sua forma de representação tornando-a mais complexa conforme seu desenvolvimento.

Jogos de regras: é a partir dos sete anos, onde é caracterizado o estágio operatório completo, que a criança já se interessa pelas regras, e que aprendem a respeitar o espaço e o tempo do outro. Portanto ela precisa entender que a atividade não gira em torno dela, mas depende também da participação dos outros, é onde consiste o desafio maior, a criança precisa se adaptar a nova fase, controlando seus desejos e motivações pessoais.

Através desta breve explicação de determinadas estruturas de jogo, denominadas por Piaget, vemos que cada fase apresenta um tipo de jogo correspondente a ela. Então, não há como negar que desde o nascimento a criança tem presente no seu desenvolvimento, a necessidade do brincar.

Além de Piaget, Vigotsky (2011) também apresentou estudos sobre a questão do jogo, destacando o papel psicológico que esse exerce na vida da criança. Wallon (2011, disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com>), define o jogo como atividade voluntária da criança e acredita que é através do meio social que se constrói a personalidade. Ele defende a ideia de que o jogo é uma atividade voluntária da criança, ou seja, é livre.

Wallon (2011, disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com>) nomeia os diferentes tipos de jogos da seguinte forma: jogos funcionais, jogos de ficção, jogos de aquisição e jogos de fabricação. Wallon tem como foco a motricidade como colaboradora no processo de desenvolvimento da criança. Ele explica que o corpo e o movimento são elementos pelos quais a criança estabelece os primeiros diálogos com o meio, contribuindo assim para a aquisição de sua linguagem. Ele concebe também a ideia de que a criança é lúdica em sua natureza, portanto, é algo que é voluntariamente expresso por ela. O jogo, neste caso, quando é colocado de forma imposta, passa a ser tratado como um ensino, trabalho.

O adulto, geralmente, tem como hábito tratar o brincar como algo que não traz a sua vida grandes contribuições no que diz respeito a suas obrigações diárias e responsabilidades que exigem dele uma postura e uma afirmação de sua identidade. No entanto, Wallon (2007, p.58), vem nos dizer que:

É muitas vezes entre as obrigações diárias que o jogo libera as atividades. [...] Não consegue brincar quem quer nem quando quer. São necessárias disposições e às vezes uma aprendizagem ou uma reaprendizagem. Se a companhia das crianças pode ser tão distrativa é porque faz o adulto voltar a atividades desligadas entre si e despreocupadas.

Aqui o brincar é colocado como algo que se aprende e reaprende, o adulto volta a ser criança e percebe que também é ensinado através do jogo a aceitar novas vivências, desde que se disponha a participar diretamente das ações da brincadeira.

Vigotsky (2011, disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com>), no entanto, nos mostra qual o papel psicológico que o jogo exerce no desenvolvimento da criança. Ele coloca a importância de saber quais são as reais necessidades da criança, aquilo que as motiva e como buscam a satisfação no jogo, tudo isto, no intuito de acompanhar e compreender o desenvolvimento infantil. Vigotsky ainda coloca a brincadeira como situação de grande importância para a aprendizagem infantil, onde oferece a criança uma estrutura capaz de fazê-la modificar suas necessidades e a sua própria consciência.

Partindo de tudo o que foi dito até aqui, percebemos que, o brincar ocupa um grande papel no desenvolvimento da criança. Devemos dizer que é essencial para que ela descubra o mundo que está a sua volta e entenda a seu modo, como experimentá-lo.

O brincar existe nas mais diversas culturas, ou seja, crianças do mundo inteiro tem sua maneira peculiar de brincar, independente de classe social, língua ou cor. Não se pode dizer que crianças do Brasil sabem brincar melhor do que crianças dos Estados Unidos, por exemplo, pois apesar de serem de culturas diferentes trazem consigo a mesma essência: o gosto pela brincadeira. Mas, atualmente, o que vemos em uma grande parcela da população, é o predomínio de brincadeiras solitárias, ou seja, aquelas em que se utilizam aparelhos eletrônicos (iPads, iPhones, computadores e outros) que na maioria das vezes não tem a necessidade de interagir com outras pessoas. A exemplo disso, em uma matéria publicada na Revista VEJA de 2007, afirmava-se que as crianças brasileiras brincavam pouco e que uma das causas deste problema era o excesso do uso de televisão, videogames e DVDs, isto equivalia a 97% da população pesquisada. Claro que também é muito

importante que a criança interaja com esses recursos, mas estamos discutindo a qualidade deste brincar, as vivências que ele proporciona. E uma delas é a socialização, onde favorece, conseqüentemente, a tolerância e respeito as regras, dentre outras coisas.

Outro dado curioso apresentado nessa mesma matéria, é que os pais não costumavam brincar com seus filhos, como também o tempo livre que as crianças tinham era ocupado com outras atividades no intuito de apenas prepará-las para o futuro profissional.

Na brincadeira, também se apresentam as características culturais de cada criança. A “cultura lúdica” é resultado da experiência trazida em determinadas situações de jogos e do meio de onde vive. “A cultura lúdica não está isolada da cultura geral. Essa influência é multiforme e começa com o ambiente, as condições materiais” (Brougère, 2010, p.27). Por isso é tão importante observar e respeitar as particularidades de cada indivíduo envolvido no jogo, na brincadeira, pois é aí que a criança se autoconhece em todas as suas dificuldades e habilidades, o seu raciocínio é estimulado das mais diversas formas.

A capacidade de imaginar, de criar, é amplamente reconhecida através do jogo. Ao transformar objetos e imitar situações cotidianas a criança vivencia e aprende a buscar soluções para possíveis conflitos. A imaginação também é algo bastante aguçado nas crianças principalmente nos momentos em que brinca. Wajskop (2009, p.33) afirma que:

É portanto na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além do comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam ao mesmo tempo que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência.

Outro aspecto importante é que além do brincar espontâneo, isto pode ser ainda mais enriquecido através do estímulo do próprio educador, que deve procurar proporcionar situações em que a criança se sinta desafiada e permita ocorrer uma melhor percepção ao redor dela.

3 O BRINCAR EM DOCUMENTOS OFICIAIS

No tópico anterior, buscamos entender de uma forma geral as várias visões do brincar segundo os teóricos e estudiosos do assunto, a fim de compreendermos quais funções o brincar exerce na vida da criança e como a partir disto podemos modificar a nossa práxis cotidianamente, trazendo para a nossa realidade, aquilo que está em pauta de acordo com o que atualmente rege a Educação Infantil no intuito de melhorar a qualidade oferecida nas instituições da área.

Nos últimos anos a Educação Infantil tem recebido grande destaque por parte das políticas públicas educacionais. O que antes se via apenas como assistencialismo, agora tem se mostrado como uma preocupação eminente por parte do Estado. Sendo a própria Educação Infantil discriminada, conseqüentemente seu trabalho pedagógico não era levado em consideração.

A partir da elaboração da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em 1996, a Educação Infantil começou a ser oferecida a educação em creches e pré-escolas, onde “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (LDB, nº 9.394/96 art.29).

Nesta perspectiva da criança ter suas próprias necessidades, o brincar aparece como protagonista no seu desenvolvimento. Com a elaboração do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) em 1998, passou-se a “enxergar” a necessidade de se ter um currículo próprio para a educação infantil, buscando auxiliar os docentes na realização de suas práticas.

Para o melhor favorecimento da brincadeira nas instituições de educação infantil, é necessário que o adulto, neste caso, o professor, tenha em mente que a brincadeira mesmo sendo de forma espontânea, pode ser ainda mais ampliada por ele, de diversas formas. Como nos diz o RCNEI (BRASIL, 1998, p.28):

É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. Por meio das brincadeiras os professores podem observar e

constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.

O sentido da brincadeira, portanto, só será compreendido se o professor estiver atuando direta ou indiretamente, seja na intervenção das brincadeiras ou observando, avaliando, podendo assim registrá-las como forma de acompanhar o desenvolvimento integral da criança.

Percebemos, então, que o faz-de-conta precisa ser bastante favorecido nas situações de brincadeira das crianças desde os seus primeiros anos de vida, pois é através da imitação, da imaginação, que as crianças veem a possibilidade de ampliar seus horizontes entendendo e inserindo-se na sociedade e cultura da qual pertencem. O ambiente escolar deve estar preparado para isto, mediante a intervenção do professor. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p.31):

O professor pode propiciar situações para que as crianças imitem ações que representam diferentes pessoas, personagens ou animais, reproduzindo ambientes como casinha, trem, posto de gasolina, fazenda etc. Esses ambientes devem favorecer a interação com uma ou mais crianças compartilhando um mesmo objeto, tal como empurrar o berço como se fosse um meio de transporte, levar bonecas para passear ou dar de mamar, cuidar de cachorrinhos etc.

Dessa forma, vemos que o ambiente deve ser instigador e facilitador para que a criança vivencie suas situações lúdicas interagindo entre elas. Para que a brincadeira se desenvolva de forma saudável é necessário também, que o professor tenha um olhar amplo no que se refere à diversidade, deve-se levar em consideração que cada criança traz consigo sua própria cultura advinda do meio em que vive. É preciso encontrar estratégias para conhecer quais as contribuições que as crianças podem trazer no momento em que brincam. “Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas” (BRASIL,1998, p.30).

Não estamos dizendo que é tarefa fácil atender todas as necessidades da criança, nos diferentes aspectos sociais, mas colocando que é possível melhorar

significativamente a interação e o respeito entre elas, contribuindo para o enriquecimento de suas capacidades.

Dentre os documentos oficiais que fazem alusão a importância do brincar no desenvolvimento infantil, além do RCNEI destacamos, ainda, a Política Nacional de Educação Infantil (2006, p.17), ao ressaltar que “o processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar”.

É necessário avaliar a criança em seus diferentes aspectos. Pois só assim, podemos entender e planejar da maneira correta, medidas que auxiliem a criança a desenvolver suas capacidades. Em recente documento, o Ministério da Educação expôs claramente que, para isto, deve-se garantir “a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano” (BRASIL, 2010, p.29).

O educador, deve conhecer e aproximar-se da realidade da criança, em suas diversas construções e descobertas. Para isto, também é importante que o educador se aproprie de conhecimentos que o incentivem a diminuir sua resistência em relação ao lúdico. Visto que, diante de tantas mudanças em relação à educação da primeira infância ao longo dos anos, principalmente desde a elaboração da LDB de 1996, como também na sociedade, não é mais aceitável que os profissionais ignorem esta prática, considerando que atualmente as crianças possuem uma oferta muito grande de informações e é através da brincadeira que elas melhor se expressam, ou seja, expõem suas emoções, seus conhecimentos diante da realidade em que vivem e sua criatividade. Por isso, o direcionamento do educador é importante.

Buscamos até aqui, esclarecer que o brincar não pode mais ser deixado de lado nas instituições de educação infantil, se tratando apenas de uma atividade realizada em momentos limitados em que o professor não precisa estar por perto. Através de documentos oficiais como a LDB, o RCNEI, a Política Nacional de Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil pudemos explicitar, brevemente, acima de tudo, o respeito à infância, onde está

incluído também a importância de garantir o seu direito de viver e o brincar como etapa fundamental no processo do seu desenvolvimento.

4 O BRINCAR NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 Análise das observações da creche

Direcionando a discussão da atual situação do brincar na formação e prática dos professores da educação infantil, mostraremos, neste tópico, as observações feitas em uma turma de Pré I durante a Prática de Estágio IV, numa instituição de Educação Infantil localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba.

Durante os meses de agosto a outubro de 2010, pudemos vivenciar a nossa prática docente, onde após observarmos e analisarmos as principais necessidades das crianças daquela instituição, elaboramos um projeto de nome “**Brincadeiras Populares**”, o qual nos referimos no início deste artigo. Percebendo que atualmente as brincadeiras antigas já não fazem parte do cotidiano das crianças, seja pelo fato dos jogos eletrônicos estarem hoje em alta, pela influência da televisão, da Internet e até mesmo por causa do aumento da violência, procuramos possibilitar as crianças o conhecimento e a experiência de brincá-las, assim como, também, proporcionar o prazer de brincar de diferentes formas.

Podemos dizer que as nossas experiências não foram tão positivas como gostaríamos, visto que as dificuldades encontradas para desenvolver tal projeto foram grandes. A situação na qual se encontrava a instituição era desoladora, as crianças sequer tinham salas disponíveis para serem utilizadas. Apesar da creche ser ampla, no que se refere a espaço livre, não eram oferecidas alternativas para que este fosse usufruído de maneira proveitosa por aquelas crianças.

A maioria dos profissionais ali existentes não demonstrava interesse nem disposição em modificar suas práticas, tanto pela falta de organização do ambiente, como pela falta de formação, onde parte deles tinham apenas o magistério e outros, inacreditavelmente, não concluíram nem o ensino médio regular. A minoria possuía o ensino superior.

Em meio a alguns momentos de observação, pudemos constatar que, em grande parte do tempo, as crianças ficavam ociosas, sem receberem nenhum direcionamento para “organizarem-se” no espaço disponível, causando agitação e dispersão na rotina daquelas crianças, que não tinham outra opção a não ser procurar formas, à maneira delas, de se distraírem. Isto resultava em brigas e desentendimentos entre elas. Não entendíamos como aquilo se repetia por diversas vezes e nada era feito para que mudasse.

Refletindo sobre a importância da formação adequada para atuação do docente na educação infantil, podemos levar em consideração o fato de que só a minoria dos adultos que assumiam a condição de professoras na instituição campo de estágio tinha formação específica para atuação naquele nível de ensino. Isso, no nosso entendimento, dificultava o andamento do trabalho com as crianças, pois entre os próprios educadores havia certo preconceito, visto que aqueles que não tinham essa formação achavam que nada disto era necessário, pelo fato deles também estarem no mesmo lugar fazendo as mesmas coisas que os demais. Havia crianças que diziam não gostar daquele lugar, pois não tinha nada para fazer, outras apenas falavam que o melhor para elas era quando estavam no campo de areia, onde se sentiam livres, pois corriam bastante, o que para as docentes era nada mais nada menos do que uma forma de alívio para não ter que elaborar qualquer “atividade”.

Fortuna (2004, disponível em: <http://www.revistapatio.com.br>) nos diz claramente que “o educador infantil que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica observa as crianças brincando e faz disso ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho”, através desta mediação do educador é que a criança se sente desafiada, conseqüentemente isto estimula suas capacidades em todos os aspectos: cognitivas, motoras e sócio-afetivas.

Em suma, observamos que o brincar existia somente na hora em que as crianças encontravam-se dispersas no parque, pois o tempo passava mais rápido na opinião dos educadores.

Através do nosso projeto, buscamos trazer para aquelas crianças outras formas de direcionamento de suas brincadeiras, fazendo com que também percebessem a necessidade de haver limites em relação à convivência entre elas,

as regras (que começam a ser exploradas nesta fase) que deveriam respeitar e a capacidade de cooperação.

Durante o período em que permanecemos na instituição, buscamos resgatar através de diferentes brincadeiras, as capacidades de concentração, expressão e a tolerância entre as crianças, além de favorecer momentos de descontração, pois, como já mencionamos antes, era algo que não era estimulado pelas educadoras daquela instituição.

Podemos citar aqui, como um dos momentos mais proveitosos desse período, a atividade em que propusemos as crianças a brincarem no parque de areia de “Coelho sai da toca,” a qual o objetivo é desenvolver a noção de espaço e, o principal, fazê-los respeitar uns aos outros. Nos surpreendemos com a forma que eles receberam esta proposta, visto que havíamos tido inúmeras tentativas frustradas em que não obtínhamos resposta dos alunos.

Outro momento que podemos relatar foi quando trouxemos a ideia de confeccionar juntamente com eles a dobradura de uma casinha, remetendo a música “Era uma casa bem fechada” (cantiga popular). Percebemos que eles se mantiveram atentos ao que mostrávamos, pois logo em seguida, eles sentiram-se à vontade ao colorir a atividade, fazendo-a com motivação e satisfação. Neste momento percebemos que, houve o interesse por parte da professora da turma em reproduzir a atividade futuramente.

Apesar de existirem muitos documentos do Ministério da Educação, (dos quais expusemos no item 3 acima) abordando o brincar como principal atividade da infância e sendo cada vez mais discutido por vários teóricos para reafirmar sua importância, há muitos educadores que os desconhecem.

Diversos estudiosos tem o brincar como tema mais abordado. Diante disso, é inegável que todas as pesquisas já realizadas oferecem subsídios para desmistificar ideias antigas a esse respeito. Porém, podemos pensar que a formação do educador não existe apenas através da teoria, também deve ser considerada a sua identidade, o que ele traz consigo de suas vivências pessoais. Maluf (2007, p.14) nos diz que:

O conhecimento dá-se a partir de experiências vivenciadas, juntamente com uma boa formação teórica, pedagógica e via corporal (práticas corporais). Podemos retomar a nossa própria infância a cada momento, através das brincadeiras, e ajudar crianças a descobrirem suas verdades seus temores, suas alegrias, seus

gostos, suas vontades e assim vê-las vislumbrar novos horizontes do saber, do sentir e do ser criança.

Desta forma, coloca-se que o professor/educador deve experimentar um pouco da espontaneidade das crianças, ou seja, se colocando no lugar delas também. Assim, a criança se sentirá acolhida e estimulada a novos desafios.

Ainda há resistência de alguns professores em relação ao brincar, achando que o mesmo é algo para descansar de uma atividade enfadonha, ou que é apenas bobagem e é coisa de criança, por isso, não deve ser levado a sério. O que ocorre é que na prática isso acaba passando despercebido e “empobrece” as várias descobertas e vivências oportunizadas pela interação entre as crianças e as possíveis mediações do educador.

Assim como as crianças necessitam ser estimuladas, o educador desde sua formação precisa ser reconhecido em suas capacidades, pois todos nós trazemos conosco experiências próprias do ambiente em que vivemos e isto favorece a imaginação, a capacidade de criar e recriar.

É necessário experimentar, pois, o que podemos dizer da teoria sem a prática? Uma depende da outra. Além de ler, falar, discutir sobre o brincar, é indispensável vivê-lo. “Quando não oferecemos ao professor a oportunidade da experiência lúdica, negamos-lhe toda a riqueza que pretendemos que ele ofereça aos seus alunos” (ANDRADE, 2008, p.63).

Podemos observar que um pouco do que vemos nas práticas de alguns profissionais de educação infantil hoje, é o resultado desta falta de ludicidade citada acima, ou seja, não propõem algo de acordo com os interesses das crianças. Melo, Brandão e Mota (2009, p.19), afirmam que:

(...), existe uma grande preocupação por parte de professoras e professores, de darem conta de **conteúdos** planejados sob ótica própria, o que impede de voltar-se para os interesses da criança. Diante disso, pressupõe-se uma concepção de criança como receptora de informações e cumpridora de atividades pré-elaboradas, desprovida de conhecimentos e criatividade, mas, sobretudo, como alguém que deve ser moldado. (GRIFO MEU).

Perante esta afirmação, entendemos que se não houver em sua formação uma educação lúdica, os educadores não compreenderão ou não se apropriarão das

reais necessidades das crianças, não oportunizando a elas o direito de experimentar, descobrir, criar, dentre outras coisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciarmos a realidade de uma Creche Estadual foi algo que nos fez refletir bastante acerca de como é imprescindível o/a professor/a de Educação Infantil ter um bom preparo para enfrentar certos desafios que envolvem a sua prática. Falamos isto não só em nível de formação superior, mas de conhecimentos buscados à medida que vão se adquirindo novas experiências. Não se pode admitir que nos dias de hoje ainda existam educadores que tratem com descaso e desrespeito as questões que tangem o desenvolvimento da criança.

Em meio a tantas publicações a respeito do brincar e sua importância, podemos constatar que há dificuldades em inseri-lo de maneira clara e proveitosa nas instituições de educação infantil.

Claro que sem teoria não se pode entender a prática, ou vice-versa, porém acreditamos que só podemos oferecer às crianças aquilo que nós mesmos recebemos e/ou buscamos conhecer, embora às vezes o professor por alguma razão não foi estimulado em sua infância a se expressar, a experimentar, a descobrir e a criar, em algumas situações quando chega a sua formação ainda resiste um pouco e não se sente capaz de expor sua criatividade.

A falta de autonomia também é um fator que muitas vezes persegue o educador. Ele, por ter a preocupação de repassar conteúdos, desconsidera que a criança precisa de estímulos das mais diversas formas, por ser ela um ser que está aprendendo e descobrindo o mundo que o cerca.

É exaustivamente colocada a necessidade de o professor ter uma boa formação para exercer sua profissão. Claro que isto é importante, mas, será que realmente os professores estão preparados para reconhecer e atender as reais necessidades das crianças? Será que os educadores hoje formados ainda saem com aquela visão de que basta o professor ter o “domínio” de turma, que tudo estará resolvido? Ou, que para que o professor de educação infantil obtenha sucesso em sua prática, ser bonzinho e amável é o bastante para atuar nas instituições de educação infantil?

Os questionamentos aqui colocados, não são para serem respondidos, mas para serem discutidos na tentativa de refletir a respeito do que ainda podemos fazer como professores de Educação Infantil para afirmar o nosso compromisso e respeito à infância.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Nº 9.394/96 5. ed. Da educação básica. Brasília: Edições Câmara, 2010.

_____. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação.** Brasília: MEC, SEB, 2006.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEF, 1998, vol. 1.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEF, 1998, vol. 2.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tisuko Morchida (org). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BUCHALLA, Anna Paula. Criança feliz, feliz a brincar. N.1996, 21 fev.2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210207/p_088.shtml>. Acesso em: 18 nov.2012.

Concepções de jogo conforme Vigotsky, Piaget, Wallon. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts/concepcoes-de-jogo-conforme-vygotski-piaget-wallon/>>. Acesso em: 09 out. 2011.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar na educação infantil, Porto Alegre, Ano I, n.4, dez à mar. 2004. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/numeros_anteriores_conteudo.aspx?id=8>. Acesso em: 6 out. 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACEDO, Lino de. Faz-de-conta na escola - a importância do brincar, Porto Alegre, Ano I, n.4, dez à mar.2004. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/numeros_anteriores_conteudo.aspx?id=36>. Acesso em: 6 out. 2011.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MELO, Glória M. L. de Souza; BRANDÃO, Soraya M. B.de Almeida; MOTA, Marinalva da Silva(orgs). **Ser criança: repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

OLIVEIRA, Renata Cristine de. A importância do brincar na construção do conhecimento. Disponível em:
<<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=940>.> Acesso em: 16 de jan. de 2011.

SANTOS, Santa Marli Pires dos; CRUZ, Dulce Regina Mesquita da. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.